

**CALCUTÁ — IGREJA CATHEDRAL DE S. PAULO.**

ESTE magnifico templo christão é hoje um dos mais notaveis monumentos que aformoseam a *cidade dos palacios* por excellencia. A primeira pedra de tão soberbo edificio lançou-se em 8 de outubro de 1839: o architecto que traçou e dirigiu a obra foi o coronel d'engenheiros Forbes.

O estylo da architectura é, em geral, o gothico christão, de que os inglezes são mui apaixonados; mas como n'este templo foi mister modificar um pouco os preceitos artisticos, em attenção ás condições climatericas do paiz, elle constitue por assim dizer um novo systema de architectura, que poderá talvez denominar-se indo-gothico ou indo-christão.

O edificio tem de extensão exteriormente 247 pés, e 81 de largura; no sitio porém, que nós chamâmos *cruzeiro*, mede 114 pés. A altura da torre é de 201 pés, incluindo a formosa agulha, que a sobrepuja, a qual, só per si, mede 98 pés e 3 pollegadas.

As janellas do nascente e do poente têm 41 pés de altura sobre 14 de largo; as outras, dispostas com o intervallo de doze pés, e rasgadas desde o nivel do pavimento interior, para mais facil circulação do ar, tem 35 pés de alto sobre 3 a 4 pés e 6 pollegadas de largo.

As dimensões, e disposição interior do templo estão em perfeita harmonia com a grandeza do exterior.

VOL. II. — 3.<sup>a</sup> SERIE.

No corpo da igreja, e galerias lateraes, podem caber até 1:400 pessoas, sem aperto.

Esta sumptuosa fabrica foi erigida a expensas de varias sociedades, e muito especialmente da respeitavel associação para a propagação do Evangelho.

E assim, que em Inglaterra, e nos vastos territorios sujeitos ao seu dominio, se tem levado a cabo as empresas mais colossaes.

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA.

VIII.

Mui larga poderia ainda correr esta narração, e as reflexões criticas e litterarias que tão rico assumpto nos vae naturalmente suggerindo, se as conveniencias d'este jornal nos não obrigassem a pôr um termo a este ensaio biographico.

Chegamos ao periodo mais glorioso da vida litteraria de Cervantes. Temol-o visto subjugar pela publicação do seu *Quirote* a justa admiração do povo, e fundar nos applausos da multidão uma das maiores e mais indisputadas reputações da moderna Europa litteraria.

DEZEMBRO 24, 1853.



O seu livro, original como era, sem molde conhecido, sem fabula commum e trivial, sem ter as suas regras na poetica de Aristoteles, ou na legislação litteraria de Horacio e de Quintiliano, punindo com o ridiculo, em vez de a seguir, a falsa litteratura cavalheiresca, que então fazia as delicias dos leitores e o Potosi inexgotavel dos poetastros e novellistas d'aquelle tempo, devia necessariamente incorrer nas iras d'aquelles, que empossados injustamente no patriciado litterario, pretendiam julgar pela sua esthetica os escriptores que se elevavam acima d'elles e do seu seculo, e fazer e desfazer a seu sabor as reputações litterarias do seu tempo.

Era então a Hespanha fecunda em escriptores de todos os generos. O seculo 16.<sup>o</sup> acabava apenas de expirar, e todos sabem que este seculo felicissimo, aperfeçoando e desenvolvendo as obras e as maravilhas do que o precedia, dava ares de ser a meta ao pé da qual o espirito humano, assentando as columnas de Hercules da civilização, deveria estacar ou retroceder. E foi sem duvida aquelle um seculo de grandes e generosas emprezas! E se a humanidade se elevou depois a mais remontadas regiões na esphera dos aperfeçoamentos physicos, póde dizer-se sem mentira, que, na ordem intellectual, o homem se revelou então em toda a sua magestade, e que o espirito resplandeceu em toda a sua lucidez! A invenção da imprensa vale bem o vapor! E a imprensa aproximou, reuniu as intelligencias, em quanto a locomotiva encurta as distancias dos logares, as idéas dispersas dos individuos, e realisou ao menos em figura este pantheismo allemão de Schelling, resumindo todas as intelligencias n'um só espirito, dando-lhes por laço de união os caracteres metallicos de Schuefler e Guttemberg.

A Hespanha resplandecia de luz intellectual. Por um paradoxo moral, que muitas vezes se tem reproduzido na historia, a força bruta reinava a par da idéa, porque a não pudera nunca vencer. Carlos V e Philippe II, as duas personificações mais augustas e mais elevadas do absolutismo, porque eram o absolutismo, arriscando o vôo arrogante da monarchia universal, viviam e dominavam a par dos engenhos mais innovadores e dos espiritos mais revolucionarios. A inquisição assistia de um lado com os seus saões e os seus aparelhos de tortura á evolução do pensamento, e do outro a idéa reformista irradiava a luz da palavra livre, disfarçada em todas as fórmulas litterarias. Lope de Vega, Calderon e uma pleiade de dramaturgos de menos nomeada, mesclavam nas suas comedias as allusões ás cousas do seu tempo, e passavam muitas vezes da allusão á satyra descarnada, mais tolerada, por uma contradicção feliz, no tablado dos theatros, do que reproduzida depois pelos typos da impressão.

O *Quirote* vinha n'uma quadra em que provocava necessariamente as criticas dos escriptores e litteratos, que andavam desde muito na posse indisputada do favor publico. Os biographos e commentadores de Cervantes são minuciosos e prolixos na, para hoje pouco interessante, narrativa das guerras litterarias que o *Quirote* veiu accender entre os poetas d'aquelles tempos. Passaremos em silencio as inimidades e odios litterarios occorridos entre Cervantes e os Argenzolas, irmãos ambos pela natureza, pelo seu merito poetico, sem duvida muito exagerado no seu tempo, e irmãos ainda na ephemera reputação que os coroou de louros quasi a par dos Petrarchas e dos Tassos. Calaremos tambem as rivalidades ora surdas, ora rebentando, mal comprimidas, em allusões e em epigrammas, que dividiram Cervantes do que pudera talvez aspirar ás honras do

seu emulo, Lope de Vega, e da turba de vates e proadores mediocres, e de poetastros relapsos, de que sempre abundam as mais fecundas e bem fadadas litteraturas. Esqueçamos os versos com que Villegas julgou infamar o talento de Cervantes, para chegarmos depressa á *Segunda parte do D. Quirote*, publicada poucos tempos depois da primeira, e que por o remate á gloria já indisputavel do insigne novelista castelhano.

Um dos mais encarniçados, e por isso mais temerarios, inimigos de Cervantes não levou a sua indignação simplesmente até o ponto de sentenciar pela critica e de punir com o desprezo a obra prima de Cervantes. Foi mais longe. Para o desacreditar buscou armas no proprio livro do poeta, e para o corrigir intentou, cousa estranha mas não unica, continuar o livro que a sua musa caduca e myope accusava summariamente de frivolo e de absurdo. Este inimigo jurado de Cervantes, escondendo-se sob o pseudonymo do licenciado Alonso Fernandez de Avellaneda, publicou uma *Segunda parte do D. Quirote*, em que a pretensão audaciosa de emendar e de exceder o seu modelo, foi justamente punida pela inferioridade da novella, pela indifferença publica, e pelo escarneo da posteridade. Pellicer conjecturou que o supposto Avellaneda devêra ter sido religioso da ordem dos prégadores, sem comtudo poder accertar-lhe com o verdadeiro nome. Depois levou-se mais longe a investigação, e aventurou-se a opinião de que o falso Avellaneda fôra Fr. Luiz de Aliaga, amigo e contubernal do duque de Béjar, e que depois foi nada menos que confessor da magestade de el-rei D. Philippe III.

Seja como fôr é certo que Cervantes, injuriado de que um homem sem invenção, sem talento, e sem graça, ousasse não só pôr mãos sacrilegas no seu *Quirote*, mas, suprema affronta, corrigil-o e augmental-o, publicou pouco depois a verdadeira *Segunda parte do D. Quirote*, que superior em phantasia e donaires á primeira, lhe deu occasião para castigar n'algumas passagens, com um motejo facil e com epigrammas de bom quilate, o engenho bastardo e suéz, que se atrevêra a hobrear com elle nas aventuras immortaes do paladim manchego.

## IX.

Tocámos agora a ultima epocha da vida de Cervantes. O seu engenho, purificado nas aventuras de uma existencia trabalhada e pouco fortunosa, revelára-se já quando nos animos vulgares se amortece o vigor da adolescencia, e nas imaginações ephemerias se extingue a luz que allumia as phantasiosas creações do espirito humano. Cervantes, como João Jacques Rousseau, e como Richardson, vivêra primeiro para a vida, para o infortunio, para a soledade, e para a dôr, antes de viver para o mundo e para as letras, antes de nascer para a gloria, este baptismo de sangue que é ao mesmo tempo uma glorificação e um martyrio.

Na ficção engenhosa, mas não totalmente original, da sua *Viagem al Parnaso*, Cervantes para fazer (cousa toleravel no genio) a apotheose de si mesmo, e o processo dos seus emulos, finge que Apollo o recebe no Parnaso, aonde Mercurio o conduzira, para defender o monte sacro; invadido pelos máus poetas do seu seculo. É luzida e de próceres a assembléa que o Phebeo tem reunida nos seus paços; todos os assentos tem sido occupados pelos vates concorrentes, e Cervantes, n'aquelle concilio de poetas, em vão se esforça por achar um logar vago, que a fortuna contraria e malevolente o obriga a ficar de pé. Então



Apollo dá por extremo recurso a Cervantes que dobre a sua capa, e que se sente sobre ella, o que não pôde effectuar, porque tem a capa rota e miseravel. Allegoria finissima em que Cervantes descobre sem reboço todo o seu orgulho bem fundado, e pinta n'um rasgo feliz a injustiça dos seus contemporaneos. E era a verdade que elle escrevia. A fama que lhe orla hoje o nome, e a admiração que o saúda em todo o mundo, deu mil batalhas para as subjugar. Não lhe serviu a sorte como a estes talentos faceis e juvenis, a quem a fama parece ceder em faceis commettimentos, para os desamparar bem cedo, e não pousar-lhe mais sobre as letras apagadas do epitaphio obscuro!

Na ordem chronologica das obras de Cervantes, seguiram-se ao *Quixote* as *Novellas*, menos lidas, menos celebres, menos populares do que elle, mas igualmente ricas de invenção, naturaes na fabula e no enredo, faceis nos lances comicos, engraçadas no dialogo, acabados nos caracteres, correctas na linguagem, e elegantissimas no estylo.

Na impossibilidade de alongar este nosso trabalho, é-nos aqui vedado o fazer a analyse, por ligeira e incompleta que fosse, das *Novellas ejemplares*, como lhe chamou Cervantes. As novellas são: *La Gitanilla*, *El amante liberal*, *Rinconete y Cortadillo*, *La Española Inglesa*, *El licenciado Vidriera*, *La fuerza de la sangre*, *El celoso Extremeño*, *La ilustre Fregona*, *Los dos doncellas*, *La Señora Cornelia*, *El casamiento engañoso*, *Coloquio de los perros*, *La Tia fingida*.

As *Novellas ejemplares* publicadas em Madrid em 1612 seguiu-se no anno de 1614, quando já Cervantes contava 66 annos de idade, o seu *Viage al Parnaso*. Demos já a entender qual fôra o intento com que Cervantes ideára e escrevêra esta obra, muito menos geralmente conhecida do que o *D. Quixote* ou as *Novellas*. A traça era sem duvida engenhosa, posto que não original, mas copiada de um livro semelhante escripto pelo italiano Cesar Caporali no seculo 16.<sup>o</sup> Julgar n'um processo summario perante o proprio tribunal de Apollo os poetas e escriptores contemporaneos do auctor, e vindicar a reputação de Cervantes, mal comprehendida e ultrajada por criticastros imbecis e por zoilos invejosos, seria sem duvida empreza digna d'aquelle que no dialogo do barbeiro e do cura déra uma amostra da critica elegante e quasi sempre justiceira e desapaixonada do auctor de *D. Quixote*. Infelizmente porém não correspondeu ao intento a *Viage al Parnaso*, e a não serem os criticos e eruditos, pouca gente manusea hoje por desenfado e deleitação litteraria aquella obra, confundida hoje entre os livros de critica falsa e exagerada, com o *Laurel de Apolo* de Lope de Vega, e com tantas outras obras concebidas com um intuito de critica litteraria, e que infelizmente passam hoje com verdade como monumentos da adulação mutua a que os homens de letras perpetuamente se entregam, quando não descêem para o extremo não menos vicioso dos odios litterarios e das guerras de folhetim.

Passaremos em silencio muitos episodios que na vida de Cervantes tem sido diversamente interpretados pelos seus mais eruditos e noticiosos commentadores. Não fallaremos de um successo notavel, de uma aventura tragica, de que foi theatro em Valladolid a casa de Cervantes, e em que foram personagens a irmã e a propria filha do novellista, successo que, idealisado e adornado pela musa do romance, daria talvez uma obra curiosa pelo romanesco da aventura, e pelo vulto historico do seu protagonista. Calaremos tambem o fervor, não sabem os biographos decidir, se verdadeiramente religioso, se re-

falsadamente hypocrita, com que Cervantes se aggregou no fim da sua vida a algumas das numerosas confrarias e irmandades que no seu tempo floresciam em Madrid, e faremos apenas menção da mácula litteraria com que o auctor do *D. Quixote* deslustrou um pouco a sua grande reputação, publicando em 1615, poucos annos antes da sua morte, as comedias e entremezes em que denunciára logo ao principio da sua vida de letras a inferioridade da sua veia comica.

Para completar estes apontamentos já por ventura longos sobre o primeiro escriptor que a Hespanha produziu, diremos ainda que deixou concluida, mas não ainda impressa, a sua novella dos *Trabajos de Perciles y Segismunda*, em que, segundo o proprio testemunho de Cervantes, havia intentado imitar a primorosa novella grega, de *Théagenes e Cariclea*, um dos monumentos com que Urliodoro exornou a litteratura hellenica, pouco fecunda n'este genero. Fallece-nos o animo e o espaço para seguir os criticos e os philologos nas suas disputações sobre o merito, e os defeitos d'esta composição, ultima creação d'aquelle genio, que asoberbado pelos annos, e vencido pelos acasos da fortuna, se inclinava para o tumulo, como todas as grandes imaginações, como todos os formosos talentos, sustendo ainda na mão, já meio desfallecida, a penna, prestes a quebrar-se contra a lousa do sepulchro.

E era chegado de feito o termo d'esta existencia gloriosa. O soldado de Lepanto ia seguir de perto os actores e personagens d'aquella epocha de glorias. O creador de uma litteratura original e nova, ia desaparecer da scena, que elle animára e vivificára ao sópro do seu immenso genio. Erecto o monumento, e corrido o véu que o roubava á admiração do publico, o artifice ia desaparecer, para deixar acercar-se a posteridade, este juiz inexoravel e justiceiro, que, á semilhança dos juizes do antigo Egypto, só pronuncia a sua sentença sobre os sarcophagos. Cervantes vivendo mais um dia, sobrevivia-se a si proprio. É preciso que os grandes homens se finem, para que das suas cinzas nasça verdejante a palma formosissima da gloria. Cervantes morreu em 1616. Mas desde esse anno a sua obra adquiriu foros de immortal.

J. M. LATINO COELHO.

#### ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

### III.

SE Behain, havendo de nós tomado conhecimento de nossos descobrimentos modernos, no seu globo, primeiro monumento geographico estrangeiro que d'elles faz clara menção, ainda claudica n'alguns de seus pormenores, que não seria de outras nações, e d'outros géographos, remotos ao trato da nossa lingua, e das nossas emprezas maritimas?

E assim que muitas cartas, atlas, e escriptos, de geographos não portuguezes, de fins do 15.<sup>o</sup> seculo, revelam ainda grande sujeição á sciencia antiga, e ignorancia mais ou menos absoluta, mais ou menos relativa, dos descobrimentos maritimos modernos, portuguezissimos no pensamento, e na execução.

Entretanto, por não fatigar o animo dos leitores não amontoaremos mais testemunhos d'isso.

As provas que deixámos recolhidas parecem auctorisar-nos a dizer, em conclusão d'esta terceira parte do nosso trabalho, que se em geral a empreza de



nossos descobrimentos marítimos fôra premeditada e intencional, também para as demais nações fôra inesperada, desconhecida até certo ponto, e por muito tempo mal comprehendida. Os progressos, que as navegações portuguezas faziam, foram a principio ignorados pelos estrangeiros, que continuavam nos erros da antiga geographia; e se depois acertaram de falar em nossos descobrimentos, fizeram-no tão levemente, e com tal incorrecção, que bem mostraram serem-lhes cousa peregrina. Sobre as Canarias, desde muito descobertas e tratadas, ainda continuam as fabulas antigas. Sobre as da Madeira, achadas depois, guardam silencio tal, que só ignorancia pôde justificar. A respeito das ilhas dos Açores, sete das quaes já estavam descobertas em 1439, nada de real e positivo nos estrangeiros até Behain (1492), que, inda que mal, falla d'ellas porque n'ellas esteve; quando se não queira admittir, em referencia a estas ilhas, o que de ilhas na mesma latitude, descobertas por um nosso piloto em 1432, diz Valsequa na sua carta de 1439.

Incontestavelmente nossos foram o moderno reconhecimento das Canarias, e a prioridade e originalidade do descobrimento não só das ilhas da Madeira, mas também das dos Açores; e a propria carta de Valsequa, se a estas ultimas pôde já referir-se, o confessa, testemunho este que é de tanto maior preço quanto vem d'um estrangeiro contemporaneo, e se conforma com a carta de D. Afonso V, passada em Lisboa aos 2 de julho de 1439, dando licença ao infante D. Henrique para mandar povoar as sete ilhas dos Açores, em que elle mandára lançar ovelhas — ilhas, que ninguem conheceu antes de nós, e que só conheceram depois os que vieram aprender no nosso trato, ainda assim errando e confundindo muito do que já d'ellas ensinavamos. Graças ao bom exito de nossas empresas, a navegação portugueza era já tal em 1494, que Portugal, Madeira, e Açores podiam receber uma vez por mez cartas de Allemanha, e mesmo duas vezes por Anvers e Genova (DE MURR, *Hist. diplom. du chev. port. Martin de Behain*, p. 123 e 124): ao passo que os francezes ainda em tempo de Luiz XII, e Francisco I (1513 — 1545) olhavam o ir de Marselha ás costas da Mancha como uma grande e habil empresa marítima. (DEPPING, *Hist. du comm. entre l'Europe et le Levant depuis le temps des Croisades*, tom. I, pag. 316, referindo-se á *Mémoire de le Grand d'Aussy*.) Ainda em 1570 se Abraham Ortelio quiz incorporar na sua obra *Theatrum orbis terrarum*, uma carta e uma descripção das ilhas dos Açores, houve-as do cosmographo portuguez Luiz Teixeira; que de estrangeiros nada havia de positivo e verdadeiro sobre ellas, assim como a respeito de muitas outras terras atlanticas da nossa descoberta.

Finalmente diremos com imparcialidade o que nos parece dever inferir-se de tantas ilhas, que com nomes mui desfigurados, ou estranhos, apparecem pela altura dos nossos descobrimentos n'algumas cartas anteriores e posteriores a elles.

O facto considerado isoladamente em cada uma das cartas dá lugar a raciocinios varios, e a conclusões oppostas; mas não assim olhado na generalidade e na sua ligação.

Nos monumentos anteriores á epocha em que o nosso descobrimento é historicamente constatado, as ilhas que n'elles figuram ou são phantasticas ou reaes.

No primeiro caso, e como a deducção de nossas provas leva a crer, a similhança que entre algum de seus nomes e os de ilhas por nós posteriormente descobertas possa haver, nada colhe contra a originalidade do nosso descobrimento.

No segundo caso de significarem ilhas reaes, não

póde esta parte das cartas deixar de ser uma addição n'ellas feita depois dos mesmos descobrimentos, porque a mesma deducção das nossas provas convince de que tal parte do mar oceano occidental fôra por então absolutamente desconhecida.

Quanto aos monumentos posteriores á epocha do nosso descobrimento, o raciocinio é semelhante; concorrendo em ambos os casos a comprovar a preposição de que agora tratâmos.

Na primeira hypothese, sendo as ilhas phantasticas, provariam que ainda depois da nossa descoberta (particularmente dos Açores) cosmographos e cartographos estrangeiros a ignoravam, continuando na antiga obscuridade a respeito da navegação e das ilhas do Atlantico.

Na segunda hypothese, representando ilhas reaes, servem a concluir-se, que por algum tempo depois de as descobrirmos tiveram os estrangeiros tão pouca ou tão má luz d'ellas, que, afóra a idéa geral pouco precisa, ignoravam o verdadeiro numero d'estas ilhas; seus nomes; sua importancia e grandeza relativa entre ellas, e d'ellas para com as nossas outras descobertas contemporaneas; sendo que só como por acaso consignam em suas obras um ou dous nomes, que mal rastejam pelos verdadeiros, quando os demais em maior numero são disparatados e irreconheciveis.

De tudo isto nos parece pois seguir-se lealmente:

Primo: que nas cartas posteriores ao nosso descobrimento particular das ilhas dos Açores, as que trazem pela altura d'ellas querem realmente represental-as; não obstante os auctores lhes falsearem o numero e os nomes, á mingua de noções cabaes;

Secundo: que d'estas cartas posteriores, é que a noção d'ilhas pela altura dos Açores passou, assim corrompida, por meio de addição ás cartas anteriores ao descobrimento, que os portuguezes de sete d'ellas fizeram antes do anno 1439.

Tal é, em vista dos dados que temos, o juizo que nos parece dever fazer sobre o ponto. Entretanto, sua confirmação ou correccção depende d'inspecção escrupulosa sobre algumas cartas originaes sujeitas á hypothese; operação que inda ninguem empreendeu, nem é facil de empreender a respeito do nosso ponto, para determinar a existencia ou não existencia bem reconhecida, das presumidas, mui provaveis, e mui naturaes addições (ainda hoje comprovadas pela diuturnidade de igual pratica entre os marítimos) feitas nas cartas, posteriormente á sua data, e á do nossos descobrimentos atlanticos.

JOSÉ DE TORRES.

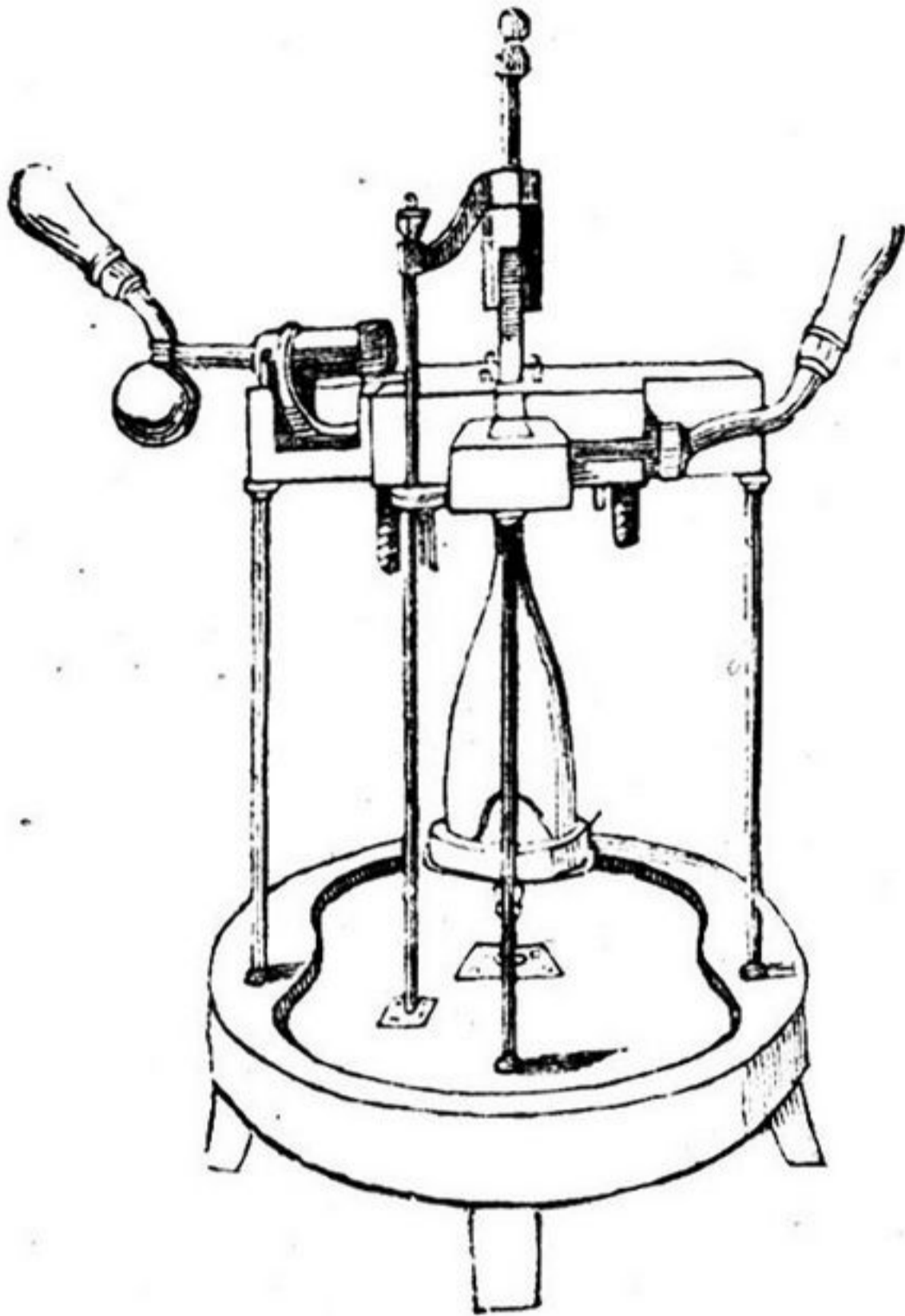
#### MACHINA PARA ROLHAR GARRAFAS.

O VINHO de Champanhe, hoje adoptado em todas as mezas da alta-sociedade, é um dos ramos de exportação mais importantes da França, e constitue a principal riqueza de uma das suas provincias, a Champanhe, d'onde aquelle afamado licor derivou o nome por que é conhecido no commercio.

Como é um genero aquelle de largo consumo, outras nações se tem dado a imital-o ou contrafazel-o com maior ou menor felicidade. Em Portugal sabemos nós que se elle fabrica com tão admiravel perfeição, que é mui difficil distinguil-o do genuino Champanhe. Não se cuide porém que o vinho de Champanhe, garantindo largos interesses ao lavrador e ao fabricante, não está sujeito a muitos inconvenientes. O seu fabrico é dispendioso, e bastantes vezes qualquer pequena imperfeição do processo pôde comprometter seriamente o producto, acarretando-lhe prejuizos enormes. Como em geral o vinho de



Champanhe só se vende engarrafado, o methodo de envasilhar e rolar as garrafas tem merecido muita attenção aos vinicultores francezes, e realmente ás vezes depende da sua boa ou má execução a quali-



dade do producto. Para facilitar este processo e dar-lhe todas as condições de segurança, celeridade e economia, tem-se inventado algumas machinas, pelas quaes se consegue o fim proposto. A cognominada de Maurice é a que em França ha merecido a preferencia; a que a nossa estampa representa tem igual acceitação, e difere mui pouco da primeira, nas peças essenciaes.

## O CONDE SOBERANO DE CASTELLA,

FERNÃO GONÇALVES.

SEculo X.

IX.

*O banquete.*

De um aposento proximo ao do banquete escutava as ovações de Aglab-ben-Xoiaibi, de Jahen, outro poeta da côrte. Era Ahmed-ben-Muhammed-ben-Abdrabihi, de Cordova. Cantor historico do reinado de Abel-Rhaman, e dos tres califas, que o precederam, ouvia sem inveja as adulações incensadas ao seu rival, sorrindo dos triumphos ephemeros do talento facil, que deslumbra e se apaga como o meteoro, sem illuminar com o facho inextinguivel das creações immortaes. Elle, que não era admittido á meza dos semi-deuses da terra, esperava resignado pela justiça do tempo, e a sentença da posteridade.

N'esse momento entretinha-se Abdrabihi a mirar uma corôa de ouro entretecida de folhas de louro e rosas. Azzarath acabava de mimoseal-o com essa lembrança elegante de dama, que queria contrariar Annasir na sua preferencia injusta. Consolado do culto,

que a belleza tributava ao genio, tenteava Abdrabihi de ora em quando na sua cabeça septuagenaria a corôa, tecida em parte pela admiração, em parte obra de outros sentimentos da rainha do harem; despeitos, talvez, de mulher, que eram um mysterio para o pobre velho. Não passavam sem magoal-o os encomios de Almansor a ben-Xoiaibi; de Almansor, seu discipulo muito amado; mas lá o indemnizava o wali alahdi, o principe real El-Hakem. El-Hakem preparava uma collecção escolhida das numerosas obras do nosso poeta, que dividira em vinte partes com os titulos singulares de *Céu, Estrellas, Aurora, Dia, Noute, Jardim, a Nuvem, o Amor, o Arrependimento*, etc.; e estes filhos da inspiração viveram na posteridade pelo affecto piedoso do principe.

Este favor do herdeiro do imperio era um balsemo para o coração de Abdrabihi.

— « *O Esponja!* . . . » N'esse desafogo unico se exhalava o resentimento do velho contra as lisonjas, que Almansor desbaratava com o Esponja.

*O Esponja* era a alcunha, com que elle apodava ben-Xoiaibi, que chupava os conceitos, as imagens, versos e cantos inteiros de antigos poetas, não lhe escapando os do proprio Abdrabihi, para os despejar em torrentes sobre os seus ouvintes.

— « *O Esponja!* . . . »

Bem podia Abdrabihi esquivar-se de scenas como a que ali se representava, mas a vocação irresistivel de artista transportava-o com os seus quatorze lustros aos campos de batalha. O poeta historiador queria colher impressões no theatro dos acontecimentos.

Ben-Xoiaibi, trajado no seu simples *khalaa* de sabio, capa ou manto á semilhança dos que usam nas universidades inglezas, agradeceu com modestia. Condemnando com fervor o abuso do talento, que se cega pelo odio, ou se envilece pelo ouro, chamou á missão do poeta missão de fé, entusiasmo e amor. « *A satyra,* » observou elle, « é uma cousa essencialmente prosaica, uma voz de incredulidade e desesperança: julgo-a uma degeneração, um tronco bastardo da arvore divina da poesia, e renego como a filhos espurios os poucos d'entre os meus versos, que bafejou a ironia e a maledicencia. »

Apenas acabou de fallar o interprete das musas, a paixão para a mais nobre das artes, paixão, que na Hespanha musselemana reinava desde a choupana até o alcaçar, e desde *amadrezah* ou escola gratuita até á mesquita, excitou-se a um alto ponto na assembléa, que de todos os lados da meza pediu ao improvisador alguns d'aquelles accents magicos, a que costumavam embalar-se, agitar-se, ou enternecer-se os filhos de Andalús, do Algharb, e do Hyaman.

Ben-Xoiaibi chamou o seu porta-alaude. Com a chave de ouro, que lhe pendia ao pescoço, abriu o melodioso instrumento. Tocou, improvisando ao mesmo tempo alguns versos allusivos ao festim com tanta felicidade, que o nobre auditorio o saudou com murmurios approvadores. O crescente entusiasmo do poeta exaltou o dos ouvintes até que estes romperam em vehementes applausos. Tres vezes bateu o califa as palmas, tres vezes resoaram acclamações em volta da meza convival.

« *O Esponja!* » murmurava Abdrabihi, escutando. Abd-el-Rhaman, tirando do dedo um rico anel, offereceu-o a ben-Xoiaibi, e uma parte dos convivas a exemplo do emir, presentearam-no com diferentes mimos. N'este certame de generosidade levou Almansor a palma a todos os outros, prendando o cantor com a preciosa sétta que descrevemos no capitulo antecedente. Em quanto este chefe, pregando-a no *khalaa* de ben-Xoiaibi, exorava nos termos mais



gracioso ao rei da harmonia que não hervasse a sua musa na ponta d'aquelle ferro, um dos walis presentes, olhando para a sétta, cubriu-se de uma pallidez mortal. Reconhecêra n'aquella joia uma das prendas nupciaes, com que elle, esposo ainda sob o influxo da sua lua de mel, mimoseára a propria esposa. Fulminado por esta revelação da sua deshonor, devorou em silencio a affronta por acatamento ao califa, ou por considerar, que a mão do offensor era pezada demais para inimigo, e que a sua destreza no jogo das armas não conhecia igual entre todos os cavalleiros do islam.

Cravada a sétta menos no khalaa de ben-Xoaibi do que no coração de um marido burlado, foi admirada e commentada pelos circumstantes, que na melhor fé do mundo apunhalavam o esposo desesperado, encarecendo-lhe o primor d'aquelle artefacto, e admirando-se de que só elle se não admirasse de tamanha preciosidade. A victima, que, já depois de bem rodada e atenzada, se estorcía em convulsões interiores, porque até lhe era tolhido o desafigo selvagem de um touro agarrochado, a victima esteve a ponto de não poder refrear uma explosão de furor, quando um dos convivas lhe disse :

— «Cavalleiro! que tendes? Afogae a melancolia em um brinde á vossa illustre esposa, minha senhora. Vamos... Mas que é isto, amigo, recusaes? Oh! por Allah, não façaes tamanha injuria á mais formosa, á mais completa das esposas.»

E o martyr foi forçado a levar aos labios a taça de veneno genuino, deixando as bordas profundamente assignadas por dentes de hydrophobo.

O wali estava fullo.

— «Cavalleiros!» continuava o desalmado amigo, dirigindo-se aos outros convivas, e enterrando de novo o punhal no coração do marido dasaventurado. «Cavalleiros! reforçae este brinde... Mas que vejo eu, Almansor! a vossa taça vasta? É isto de galante alkaide? Ou não conheceis de nome a illustre dama, com que o céu fadou ao nosso ditoso amigo? Chegae a taça.»

E Almansor deixou-a encher; e elle — o Atila dos maridos — e os outros hospedes, e o califa, e toda a assembléa brindaram em honra da esposa do wali deshonorado.

O wali estava verde. Mordia os beiços até ensanguental-os. Apertava convulsivamente o cabo do seu punhal.

Almansor observava-o.

Nenhum dos outros convivas via senão nevoeiros e amploras de Ana e Schiraz.

Só o califa, sem comprehender aquelle mysterio, notava as paixões comprimidas, que tumultuavam nos olhos, nos labios, em todas as feições e gestos do wali.

«Ben-Xoaibi!» disse para o poeta o prudente emir. «Não sejaes avaro do vosso engenho. A's musas e ao alaude, divino cantor.»

— «Divino cantor!» repetia com accento ironico o velho poeta.

Ben-Xoaibi retomou o alaude.

Abandonando-se á agitação do Deus interior, celebrava as victorias recentes do califa, cadenciava as suas inspirações com as notas do alaude harmonioso, e fazia raiar nos animos fascinados a esperanza de novos triumphos, quando foi interrompido pelo bradar de um atalaya, que, correndo á desfilada para o acampamento arabe, gritava ainda em distancia : «Os nazarenos!»

Immediatamente se levantaram da meza o califa, os generaes, e todo o ajuntamento. Tres formidaveis golpes de vaqueta, descarregados sobre um tambor

monstruoso de quinze covados de circumferencia, fabricado de uma madeira muito sonora, de cor verde e dourada, deram rebate a todo o campo, e retumbaram como o trovão das batalhas a algumas milhas em redor.

A este rebate os cavalleiros da guarda do emir vestiram rapidamente as armas, saltaram nas sellas, desfilaram pelas innumeraveis portas da estacada, e foram formar-se na planicie a quinhentos passos de distancia. Para ali foi conduzido e de novo armado o pavilhão de Abd-el-Rhaman. Diante da porta d'esse pavilhão desenrolou-se o estandarte do imperio, em quanto Muza, o corcel de batalha do califa, acobertado de ouro e prata, escarvava a terra, arqueava o pescoço, e, sacudindo o rico carapazão, relinchava impaciente de repouso, e sedento de refrega. O principe mussulmano, sentado no proprio escudo, tinha na mão esquerda o koran, e na direita a cimitarra.

Aos 42 annos completos a sua presença era ainda muito gentil para a grave madureza da idade. A estatura mais que ordinaria, avantajava-se nas fórmas esbeltas. A testa espaçosa e escampada accusava dotes de alto engenho. Os olhos, como os de sua mãe, que tinha nome nazareno *Maria*, azues, grandes, bem fendidos, exprimiam bondade de coração, apontando a origem christã da sua familia materna. Escapára á marca de fogo do sol de oriente o rosto alvo e rosado. A bôca symbolisava com o affecto que havia nos olhos, e os dentes tinham a brancura do marfim do deserto. Mas o emir, habitualmente affavel, carregava-se agora no semblante, armando-se do valor indomavel de seu pae, o principe Muhamad. Olhava como a aguia nas alturas, e revestia-se da magestade do chefe á espera do combate. Ao pé de si tinha o seu astrologo, com quem consultava. Um pouco afastado estava o scheik de Fez. O principe el-Hakem, dous walis, e Almansor formavam grupo na extremidade do pavilhão. Em volta do pavilhão postaram-se guardas de pé e a cavallo. A pouca distancia das guardas numerosos esquadrões zenetas e andaluses, formados em meia lua e lanças em ristre apresentavam um macisso de aço insuperavel. Essa meia lua foi cercada de fortes cadeias de ferro. No centro d'aquella defesa triplice achava-se o emir de Cordova, resguardado como se fôra dentro dos muros de um castello. No recinto da estacada ficava a peonagem armando-se, ou armada; e o resto da cavallaria de pé no estribo. Na collina, que estava a cavalleiro do acampamento, conservou-se a guarnição ali estacionada. E os atamanes, os clarins, os anafis e outros instrumentos bellicos abriram com symphonias marciaes o prologo das batalhas.

Abd-el-Rhaman, olhando então por um d'esses instrumentos de optica, com que os astrónomos arabes investigavam o movimento dos corpos celestes, avistou a algumas legoas os seus almogaures, que retiravam perseguidos pela hoste castelhana.

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

A AUSENCIA.

A. E\*\*\*

Aqui n'este canto teu nome não ponho;  
Supponham que é sonho, deixal-o suppor:  
Dos dous que se querem a voz da amizade  
Transforme a saudade n'um canto d'amor.



Das maguas do amigo meu peito é sacrario ;  
 Não creias que é vario, sem fundo sentir ;  
 Enxugo-lhe o pranto, recebo-lhe as queixas,  
 Que n'estas endeixas bem podes ouvir.

Se juntos nos vamos ás margens do Tejo  
 Em seu rosto vejo seu triste penar :  
 E digo-lhe ás vezes : Bem sei que decoras  
 Os dias e as horas. . . que devem voltar.

Calado me escuta, co'a voz não responde,  
 Mas vejo que esconde seus olhos de mim :  
 Então lhe conheço, então é que atino,  
 Que os prantos são hymno chorados assim !

Sentados á beira do rio que murmura  
 — Da sua doçura bem vêes a imagem !  
 Attentos, calados, ficámos olhando  
 As ondas brincando ao sôpro d'aragem.

Depois resolute correndo a campina  
 Em cada bonina te chora, te vê.  
 Se busco dizer-lhe palavras do mundo  
 Seu mal é profundo — palavras não cre.

Então apontando p'ro cedro tombado,  
 Que foi açoutado de rijo tufão ;  
 Me diz enxugando dos olhos o pranto,  
 O cedro é um canto d'eterna lição.

Ind'hontem, vaidoso, de pé campeava  
 Soberbo affrontava tremendo escarceu ;  
 Agora pendido, tombado, desfeito  
 É como meu peito vasio mausoleu !

Só nutro saudades d'ausentes amores ;  
 Da selva aos cantores seu nome ensinei,  
 Os eccos lhe escuto das meigas cantigas  
 As maguas antigas de novo encontrei !

Soletro-as todas no rio que deslisa  
 Ao sôpro da brisa das margens d'além,  
 Nas folhas que correm nas aguas boiando  
 Que adeuses lhe mando — que adeuses me vem !

Se perto não posso dizer-lhe que é minha,  
 Se passa a andorinha lhe mando um — adeus.  
 Se unida ao peito não posso abraçal-a,  
 Na lua estreital-a que abraços vão meus.

Aos hymnos pomposos que entoam unidos  
 Da selva os gemidos, aos hymnos do sol,  
 Lhe mando casadas saudades ardentes  
 Que entôa plangentes gentil rouxinol !

Assim me parecem mais breves as horas,  
 Que passam sonoras em cantos de dôr,  
 Que ao longe recebe, mas já transformados,  
 Depois d'enviados, em cantos d'amor !

Que os homens lhe chamem tormento ou loucura  
 Do mundo não cura quem vive de amar :  
 Ás vezes n'uns olhos se encerra um destino :  
 Fatal ou divino — deixal-o passar !

O nome d'aquella que choras na ausencia  
 Talvez Providencia te seja, talvez ;  
 Mulher que nos ame deveras na vida  
 Depois de perdida não volta outra vez !

L. A. PALMEIRIM.

ENSAIO DE UMA DISSERTAÇÃO HISTORICO-CRITICA  
 SOBRE OS FACTOS MAIS CONTROVERSOS DA HISTORIA  
 DO CONDE D. HENRIQUE, PRIMEIRO SOBERANO DE  
 PORTUGAL, E TRONCO DA AUGUSTISSIMA CASA REI-  
 NANTE.

#### QUARTO PONTO.

*A independencia do seu condado.*

#### II.

Esse ajuste, que fizeram entre si os dous condes D. Henrique e D. Raimundo tem assustado em demasia os nossos escriptores de diversas profissões ; e os que se abalçaram a reputal-o apocrypho não procederam bem, e, além de pouco advertidos, promoveram quanto n'elles era, e sem quererem, o scepticismo historico. Os argumentos, de que se valeu D. José Barbosa para o impugnar, caem por terra com a simples advertencia *de que Raimundo, e seu filho, e Henrique seu familiar*, não representam o sentido, que lhe quiz dar a prevenção dos nossos historiadores, porém outro bem diverso. O pacto, ou tratado endereçou-se ao veneravel Hugo, abade de Cluni, a quem os próprios soberanos tratavam de pae, e de cuja observantissima comunidade se diziam familiares, titulo este de que se honravam nada menos que dos outros de condes, duques, ou principes. (1) Não foi o cardeal Aguirre o primeiro, que deu á luz esse curioso tratado, pois antes que saísse em Roma (2) a primeira edição da collecção dos concilios das Hespanhas, já o mauriano padre Achery o tinha publicado no seu *Spicilegio* ; (3) e por certo que este douto explorador de antiguidades, e não menos o douto purpurado castelhano, estavam mui longe de merecer o desdem, com que os tratou o chronista dos cistercienses, meu predecessor, dizendo : *O mesmo documento produziu o eminentissimo Aguirre, e D. Lucas de Achery, sem declararem onde descobriam tão estimavel peça* (4) ; quando, pelo menos o segundo, expressamente declara no indice dos documentos, que vem á testa da sua obra, os logares e archivos, donde os tirou, e affirma que este fôra achado em o mosteiro benedictino de Bec, mui celebre na historia ecclesiastica pelos dous grandes homens (5) que o illustraram ; assim como a universal Igreja em o seculo 11.º : e querer disputar aos maurianos o discernimento necessário para avaliarem toda a sorte de manuscriptos é o mesmo, que negar ao sol algumas das propriedades, que lhe são inherentes, como, por exemplo, a de nos aquecer, ou de nos alumiar. (6)

#### III.

A condição imposta ao conde D. Henrique, de que seria dependente do conde D. Raimundo, em quanto á posse de Toledo, e seu districto, e das mais terras, que o proprio D. Raimundo já lhe tinha doado, *ut sis inde meus homo et de me eam habeas do-*

(1) Na propria collecção do eminentissimo Aguirre a pag. 291, isto e 14 pag. antes d'aquella onde vem o ajuste dos condes, vem uma doação de Affonso VI ao mosteiro de Cluni onde este soberano diz : *Impetravi etiam a Cluniacensi abbate patre meo Hugone.*

(2) A collecção dos Concilios de Hespanha saiu pela 2.ª vez em 1693 e 1694.

(3) A primeira edição do *Spicilegio* começou em 1653 e acabou em 1677.

(4) Figueiredo na obra citada, pag. 35.

(5) Lanfranco, e S. Anselmo.

(6) Veja-se adiante a prova n.º 4.



mino, não é injuriosa ao conde D. Henrique, nem prova outra cousa mais do que o vulgarissimo costume d'aquelles dias, em que até os mosteiros doavam terras a grandes senhores, que tinham de reconhecer até com pensões annuaes a dependencia, em que ficavam; e assim como os duques de Borgonha, que no seculo 13.<sup>o</sup> eram grandes senhores, e exerciam as mais altas funções de soberania, e sem embargo de tudo isto foram recebidos, como *verdadeiros homens*, ou dependentes, (1) não do rei de França, porém do rei castelhano, quando em 1283 se intitulava *Romanorum rex semper augustus*, muito menos ficaria dezaireoso ao conde D. Henrique, apenas chegado a Hespanha, e sem outro patrimonio, além do que lhe concedêra seu primo co-irmão, que aceitasse taes condições, que por outra parte são vivos testemunhos do seu valor, e da illimitada confiança, que n'elle puzera o conde de Galliza.

Debalde pois querem alguns modernos (2) tirar d'este documento como a prova irrecusavel da antiga sujeição da corôa de Portugal aos reis castelhanos, pois ainda que elle fosse entendido pela maneira mais desfavoravel, que se pudesse imaginar, nem por isso era applicavel senão ao anno de 1093, ou pouco mais adiante, e já se mostrou que, ao mais tardar, de 1109 por diante correram outros ares, e prevaleciam outras idéas.

## IV.

Sendo pois esta materia de grande porte não me será estranhado, que eu proponha certos argumentos a *posteriori*, que são, quanto a mim, decisivos e terminantes. Não entro agora na questão se houve a promessa de Egas Moniz para que a então praça de Guimarães fosse descercada; pois ainda tratarei especialmente d'este lanço, que faz esquecer o proprio Attilio Regulo; mas defendo e defenderei sempre, que a soberania deixada pelo conde D. Henrique a seu augusto filho o senhor D. Affonso Henriques persistiu firme, e sem quebra, do que, por ser já um pouco sóra do meu principal intento, me parece todavia necessario dar algumas provas, affiançando aos meus leitores, que a principal de todas, e que é em tudo a primeira, terá sua novidade, pois constando-nos pela chronica latina de Affonso VII que, depois das batalhas d'este soberano com seu primo, se tinham feito pazes entre os dous contendores, nunca appareceu n'este reino, quanto eu saiba, o tratado solemne, que nas margens do rio Minho foi celebrado entre os dous soberanos. Appareceu no cartorio de Sahagum; e posto que o auctor, além de nos assegurar, que é cópia authentica, e feita no mesmo tempo da sua data, se inclina a defender, que é argumento para se mostrar a dependencia, em que ficou o reino de Portugal, não será preciso grande força de raciocinio para vermos, que o cegaram as prevenções e os desejos; e bastaria que ali não se encontrasse o menor vestigio dessas *caminhadas* a Leão para assistir ás côrtes, e jurar vassallagem ao monarcha leonez, para que o documento nos fosse o mais glorioso, e importante; e quando fosse necessario trazer mais provas da nossa independencia no primeiro reinado, porque será tão facil apparecerem nas escripturas do proprio Affonso VII chamado imperador e muitas vezes *Vasalli Imperatoris Comes Barchinonensis, Rex Navar-*

*ra, Rex Murcia, Rex Secura*, sem fallar agora dos reis mouros, e nunca apparecer uma só assignatura com estas do soberano de Portugal? (1) Longe de que isto succedesse é bem para notar, que não só os colloquios ou conferencias do primeiro rei de Portugal com seu primo, e até os proprios infortunios d'aquelle soberano, sirvam como de notas historicas, que só podiam tirar-se dos successos da maior importancia. (2)

## V.

Assim tenho dito o ultimo adeus aos meus estudos mais queridos, que eram até aqui os da historia portugueza. Mais de uma circumstancia me torna esta despedida a mais afflictiva e dolorosa... Porém a vontade do Senhor é acima de tudo; cumpre-me sómente que rendido, humilhado, e cozendo o meu rosto com o chão, eu diga: *Fiat voluntas tua*.

## MODO DE CONSERVAR O AZEITE SEM RANÇO.

Deite-se em cada garrafa de azeite obra de duas pollegadas de boa agua-ardente, de modo que a garrafa fique completamente cheia; depois rolhe-se com todo o cuidado. O azeite assim conservado não perde nenhuma das suas qualidades, e não cria ranço.

Os senhores que desejarem subscrever para o anno de 1854 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos distribuidores, ou nos logares abaixo citados, e nas provincias aos correspondentes, ou *por carta franca de porte*, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia sobre o *seguro* do Correio.

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.<sup>os</sup> 227 e 228, e nas lojas dos srs. Lavado, rua Augusta, n.<sup>o</sup> 8, e Bravo, rua do Ouro, n.<sup>o</sup> 212.

Correspondentes: Braga, sr. Freitas Guimarães; Coimbra, sr. A. H. Dardalhon; Elvas, sr. Sousa Gusmão; Penafiel, sr. M. D. de Castro; Porto, sr. A. R. da Cruz Coutinho; Santarem, sr. José Firmino d'Azevedo Pereira; Setubal, o sr. M. J. Ferreira; S. Miguel, sr. M. C. d'Albergaria e Valle; Terceira, sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Loanda, srs. Lino & Pinto; Pernambuco, sr. M. José Alves; Rio do Janeiro, srs. Sousa & Comp.\*

Preços: — Por anno 1:300 rs.; por semestre 700 rs. Numero avulso 30 rs. — Provincias (*franco de porte*) por anno 1:570 rs.; por semestre 830 rs.

(1) Vejam-se, Espanha sagrada Tomo 17. Escriptura 4.<sup>a</sup> Tomo 16. Escriptura 28. — Yepes Tomo 5.<sup>o</sup> Escriptura 16.

(2) Em um privilegio concedido ao mosteiro de Moreuela na era de 1181 se diz: *Facta carta Zamora... tempore quo Guido Romanæ Ecclesiæ Cardinalis Concilium in Valle Oleti celebravit, et ad colloquium Regis Portugaliæ cum Imperatore venit.*

(1) Perard na Collecção já citada pag. 491.

(2) Kock Tableau des Revolutions de l'Europe etc. na Edição Parisiense de 1823. Tomo 1.<sup>o</sup> pag. 181.